

geral da sciência, qual foi a inscrição latina de *Fontanus*, e sobretudo o pedaço de fibrolite do Ervedal, que nos indica um dos processos de que o homem neolítico se servia para fabricar os seus instrumentos,—processo que pela primeira vez se revela aos arqueólogos, tanto de Portugal, como, segundo penso, lá de fora.

J. L. DE V.

## Miscelânea arqueológica

### 1. Curiosidades da velha Alfama

Retomando o percurso começado no artigo anterior, através da velha Lisboa, seguimos do largo de Santo Estêvão, onde deixámos o leitor admirando o soberbo panorama, para o largo do Salvador, através dos torcicolos de várias ruazinhas; caminho andando vemos a extrema da Rua do Vigário, que tem hoje prédios só dum lado por os do oposto terem caído quási todos de velhos e, assim, o município vai obtendo uma rua relativamente larga, que entestando com a dos Remédios e do Paraíso e juntando-se na outra extremidade com a de S. Vicente formará a principal artéria, ligando a parte marginal, com os alegres e arejados altos da Graça.

Num dêsses recantos fica o beco dos Biguinhos, nome que evoca a existência, ali, dalgum extinto recolhimento daqueles medievais beatos pedintes; perto depara-se-nos a Rua de Santa Helena onde conhecemos o profundo e baixo Arco Pequeno, hoje desaparecido, contrastando com o próximo Arco Grande de S. Vicente, qualquer dêles servindo de passagem para dependências do Patriarcado; para essa estreita rua abre-se num largezinho, um amplo portão dando entrada para um oasis, ou seja o solar dos Siqueiras, um excelente palacete antecedido de magnífico arvoredado e com uma vista sôbre a Alfama, Tejo e suas margens sul, em nada inferior à de Santo Estêvão.

Reproduzindo nós, duma miniatura, o retrato dum antepassado dessa familia illustre, há anos numa das salas do antigo palacete, a quem escreve estas anotações, foi-lhe apresentado pelo último Conde de S. Martinho, um alto bastão ávívado de escarlate com desenhos dourados, muito interessante.

—¿Sabe o que isto é? perguntou-me o venerando fidalgo.

—Ignoro, talvez seja pertença dalguma irmandade, alvitrei.

—É a vara do último Juiz do Povo da cidade de Lisboa,—disse-me o falecido conde, apresentando à minha curiosidade a insígnia do principal dos mesterais da célebre Casa dos Vinte e Quatro, uma autêntica reliquia histórica; narrou-me depois que a obtivera quando

fôra da extinção da famosa casa dos officios, instituída por D. João I, pelo advento do regime constitucional.

Descidas as escadinhas de Santa Helena passa-se na Rua das Escolas Gerais, local onde fôra a primitiva Universidade de Lisboa, criada por D. Dinis o rei «lavrador» e «trovadoresco»; quando rapaz conhecemos ali umas paredes em ruínas e duas ou três colunas ainda de pé, que decerto não seriam já quaisquer restos das famosas casas de estudos.

Mais umas escadinhas são descidas e estamos no Largo do Salvador, onde vem terminar no alto a Rua da Regueira, de que já falámos no anterior artigo; é ela uma turtuosa e íngreme calçada, que se torna notória por ter os mais vetustos e incongruentes prédios de toda a Alfama, e que além de estreita é formada de recantos e saliências, que recordam a antiga necessidade militar da defesa à arma branca das povoações na Idade Média.

À Regueira vêm dar outros compridos e estreitíssimos becos, cheios de torcicolos, como o que tem o sugestivo nome da Bicha, o das Cruzes, o de Alfurja ladeados também de prédiuzinhos diversamente coloridos, que lhe dão singular e pitoresco aspecto, como se aprecia nalgumas das magnificas aguarelas de Roque Gameiro.

Precisa ter muito sangue frio o artista que se proponha a pintar «d'après nature» em Alfama, nós e também Rodrigues Vieira, o malogrado e tam notável pintor de flores, tentámos, há muitos anos, reproduzir alguns trechos, dos muitos e interessantes, que por lá abundam; mas depressa desistimos; a quantidade de populares que se juntavam e em especial os «gavroches» que se atropelavam em balbúrdia, tornavam impossível a tranqüilidade que precisa ter qualquer artista para pintar o seu estudo; por isso, embora os «motivos» sejam às dúzias, todos fogem de lá assentarem banco e cavalete; por tal caso muito é de admirar, além da mestria, a tenacidade que o actual notável aquarelista demonstrou, com a apresentação dos recentes recantos de quadros da Lisboa antiga.

Ao lado da Regueira vem terminar conjuntamente uma outra curiosa ruela sinuosa, que começa nas traseiras da igreja de S. Miguel e desemboca no Salvador e que se chama Rua do Castelo Picão, uma ruela toda ladeada de minúsculos prédios velhíssimos num ou noutro ponto alegrados pelas fôlhas das parreiras que ultrapassam denegridos muros de quintalinhos; é por ali que às baixas portas se encostam pintadas «Pêgas» cantarolando tristonhos fados.

No largo do Salvador, alegre, cheio de sol, avulta a singela igreja das antigas freiras e nota-se-lhe nos batentes da velha porta de boa

madeira, graciosos e finos entalhes «Luís XV»; a um outro lado eleva-se o vasto palacete dos fidalgos dos Arcos, com pórtico, tendo esculpido superiormente heráldico brasão, incluído numa «cartuche», ou cartel, de estilo «barôco».

Um grande e alto arco sôbre o qual havia passagem do antigo convento, se ultrapassa subindo sempre, e chega-se assim ao Largo do Menino Deus, nos fins já da Alfama alta.

Neste ponto fazemos uma recomendação a quem transite pela primeira vez o dédalo alfamista, que pelo que citamos do velho bairro, é bastante extenso, pois ocupa toda a encosta sul do monte do Castelo, de baixo a cima; e vem a ser que por motivo dessa disposição orográfica, quem tomar por aquelas ruas sempre subindo, vai ter a sitios conhecidos da Graça ou de S. Vicente; e quem ao contrário sempre descer, vem dar a alguma das ruas marginaes do Tejo, entre Alfândega e Santa Apolónia; quem percorrer, porém, em sentido transversal, arrisca-se a embrulhar-se naquela meada de estreitas ruas e becos, uns com saída, outros sem nenhuma.

Na altura da rua a que chegámos, também chamada de S. Tomé, está a artistica igreja do Menino Deus, de notável architectura, que oferece bastante estudo, como documento do estilo «João V», uma variante portuguesa do barôco italiano.

Sôbre um envasamento moldurado tendo escada anterior de lances laterais, ergue-se a fachada com duas ordens clássicas, tendo em baixo a «Dórica» e em cima a «Jónica»; inferiormente ao centro abre-se um artistico pórtico ladeado de colunas «Coríntias», todo encimado por grandes «volutas» e «cocheado», tendo ao centro um escudo «barôco» dedicado a S. Francisco, a data 1711 e a inscrição que D. João V lançara a primeira pedra da obra.

Pela parte superior, entre fustões pendentes, rasga-se, entre outras, uma grande janela e ainda à altura da primeira cornija, uma outra circular, com grinaldas e cabeças de anjos; no alto da fachada estão dispostos três grandes nichos em «rocaille» com pequenos frontões triangulares e semi-circulares; a toda a altura corre a cornija «Jónica» com ressaltos laterais.

Vista pelo exterior a curiosa igreja e descendo-se um pouco, encontra-se próximo à Rua do Infante D. Henrique, na Rua dos Cegos, um interessante prédiozinho de empena angular, seiscentista, e que tem na frente um interessante e artistico azulejo renascença, o melhor de toda a Alfama, representando a «Adoração do Santíssimo por dois anjos», sendo o colorido verde azul e amarelo, sôbre fundo branco e, tudo cercado de moldura imitada no azulejo; a fachada do edificio,

que nós aqui reproduzimos, é salientada sôbre ferros, como outras já descritas; mais alguns passos além e transpõem-se os casebres do Pátio de D. Fradique, onde existe uma velha passagem coberta, em comprida abóbada, tendo a meio e no alto uma curiosa capelinha dedicada às almas, característica dos antigos costumes religiosos do bairro, pois data de 1624, segundo uma inscrição gravada à entrada do Arco.

Com um antigo palacete brasonado cheio de ornamentações de estilo «Dórico» termina esta parte da Alfama, entestando já com os muros e bastiões do Castelo de S. Jorge — notável local citadino a que dedicaremos mais tarde artigo especial — e assim retrogradando pelo Arco das Damas, pequena rua onde existe o prédio em que o autor veio a este mundo sublunar, chegamos a Santa Luzia, pequenina, e curiosa igreja edificada no alto duma quadrela da antiga muralha de Lisboa, junta às Portas do Sol; portas, que como a sua homónima de Santarém, possuíam uma grandiosa vista do Tejo, se uns novos prédios não a ocultassem.

A velha muralha afonsina de que se vê ainda um grande pedaço segue por ali abaixo, ladeada pela calçada da desaparecida Rua da Adiça, da qual já vimos o começo no artigo antecedente, e passadas algumas dezenas de prédios cheios de ângulos, recantos, fachadas com saliências e sacadas de rotulazinhas, características idênticas às já descritas alcança-se novamente no fundo, as ruas de S. Pedro e de S. João da Praça; daí pelo Arco de Jesus, que é mais um dos antigos e fortes postigos dos muros da Lisboa antiga, se retorna às amplas e claras ruas marginaes, que do Terreiro do Paço seguem para Santa Apolónia, dando assim fim à visita das curiosidades do decrepito bairro lisbonense, que tentamos sucintamente descrever; bairro ilustre pois tem a honra de, à semelhança da City de Londres e da Cité de Paris, ter dado começo à grandiosa e bela cidade de Lisboa.

Agora nós e ainda o complacente leitor do *Diário de Notícias* que nos tem acompanhado antes de nos despedirmos, atravessamos os novos aterros e chegando à muralha exterior da doca do Terreiro do Trigo, sempre tam interessante pela faina da carga e descarga marítima das fragatas, voltemo-nos, por momentos, para a cidade velha, iluminada de frente pelo Sol e assim vemos ante nós, entre a Sé a um lado e Santa Engrácia ao outro, por ali acima toda a complicada casaria da Alfama, emergindo aqui, acolá, edificios que nos dão referências dos sítios andados: assim as tôrres de S. Miguel, a clara e elegante igreja de Santo Estêvão, o pesado Limoeiro, o palácio dos Siqueiras a capela de Santa Luzia, e ainda mais alto a

vasta mole de S. Vicente de Fora e do palácio patriarcal, salientam-se d'aquelle caos de prédios de todos os tamanhos e feitios.

É ante aquella truculenta e estranha vista cidadina, que involuntariamente sorrimos, ao lembrar-nos dos fantasiados planos da demolição da Alfama, para aformoseamento do vetusto bairro, plano que já, há mais dum século, o grande marquês de Pombal acalentava!

Considerando, como vimos, o enorme espaço occupado pela Alfama, as centenas de prédios que a occupam, e os milhares de habitantes, na maioria operários que módicamente a habitam, vê-se a impossibilidade de a transformar nestes mais próximos anos, como muitos alvitram; havendo até quem lembre com sentimento, a necessidade de se pouparem algumas das suas curiosas ruazinhas, para recordação histórico-pitoresca do velho burgo.

Para se avaliar a utopia da lembrança, basta pensar que no nosso tempo, isto é, em mais de quarenta anos, só as ruas do Infante D. Henrique e das Escolas Gerais se alargaram, e a do Vigário, como dissemos, sofreu desbaste dum lado, por se terem derruido, por si, alguns dos seus prédios, sendo até a queda súbita dum deles, há muitos anos, motivo de grande pânico e falácia geral; imagine-se, por isto, como, atendendo ao custo de milhares de expropriações, embora módicas isoladamente, e à necessidade prévia de acomodar algures tanto povo, como o que ali vive, em que remotas épocas ainda terá a Alfama desaparecido, dando lugar então a mais um bairro limpo, claro e alegre da cidade, mas perdendo o carácter original, singular e curioso de vetustez, que os séculos passados imprimiam à fisionomia da velha Lisboa.

RIBEIRO CRISTINO.

*Nota.*—No artigo anterior, 1.º das curiosidades da Alfama, tratando-se dos azulejos bairristas, saíu erradamente «essa trítico» devendo lêr-se, «um tríptico», ou seja um retábulo com três quadros.—R. C.

(*Diário de Notícias*, de 29 de Dezembro de 1911).

## 2. Museu arqueológico do Seixal

A antiga e histórica vila do Seixal vai também ao que nos consta possuir um museu arqueológico. A lápide com uma inscrição que existe à entrada do antigo cemitério, mencionada pelo Sr. Sebastião Joaquim Baçam na sua interessante monografia do Seixal será o primeiro objecto arqueológico que entrará para o museu. A inscrição da lápide, relativamente em bom estado de conservação, é referente à comenda da mesma vila, que, tendo pertencido a D. António, comen-

dador de Almada, passou no tempo de D. João I para D. Nuno Álvares Pereira, o fundador do convento do Carmo de Lisboa.

A descoberta da lápide deve-se à actual municipalidade, que para tal fim empregou os mais louváveis esforços.

Bem fazem os seixalenses em procurar reunir os objectos arqueológicos referentes à história da vila. Assim cooperam em pró da boa instrução, do amor à terra natal e à Pátria.

Espera-se que o museu possa em breve ser inaugurado.

Será para aquela vila mais um dia de festa, em que tomará parte a União Seixalense.

(*Diário de Notícias*, de 10 de Janeiro de 1912).

### 3. Construção do paço de Almeirim

Vala dAlmeirim com seu asentamento de paaços foros e coutadas.

El Rey ha por seu propeo herdamento a vala dAlmeirim que he no Campo de Santarem antre a rribeira dAlpiarça. E a charnequa asy como parte contra Santarem toda de longuo com essa rribeira dAlpiarça per dentro dauga e contra a serra dAlmeirim parte toda de longuo com a charnequa. E contra a Chamusca parte com o rrengengo da turruja que he del Rey. E contra Muja parte com herdade do Chichorro des Alpiarça atee Alpiarçoyllo, etc.

O muy famoso E da louuada memoria Elrey dom Joham avendo achado seus grandes desenfadamentos de caças e montarias na charneca de Santarem desejou fazer casas da parte da alem do rryo e dAlpiarça pera sua pousentaria por que muitas vezes embargauam seu desenfadamento as auguas das cheas do Tejo avido seu preposito começou logo de executar a grandeza de sua manyfencia que era fundada em fazer sempre grandes obras. Mandou cõprar por seus dinheiros todallas terras da valla que jazem dentro das devisões e confrontações que dito avemos e parte dessas terras ouue per escaymbos por outras que eram da coroa do rreyno, todo esto feito a prazer dos Senhorios aa booa fee e sent engano. Ora tanto que as terras foram suas as mandou çerquar de grossos e altos vallos honde por rrazam dos vallos leou toda a terra de dentro deles nome a valla. E porque a serra se chama dAlmeirim lhe poseram o sobre nome a valla dAlmeirim asy he chamada atee o presente dija e per este nome yntitollada. Acabado esto fundou o bõo rrey suas casas de pousentadaria dentro na terra da vala que he hũu grãde e nobre asentamento de paaços segundo dam delo testemunho seus edificios cõ grandes salas camaras rretretes varandas e outras muytas casas nos sobrados e terreas e dos paaços cõ crastas dêtro bẽ poboradas de larãgei-

ras e outras aruores e arredor dos paaços hũu grande cercoyto de casas. E fora do asentamento dos paaços outras casas arredor todas propeas delrrey sem algũu hereeo auer casa nem outra herãça dentro da valla que delrrey nam seja. Outrosy dentro no asentamento dos paaços hũa capella situada em honrra da Senhora Santa Maria. Aaqual capeella ese bõ rrey fez enexar e apropiar os dizimos que deu em cada hũu anno dauer de dentro das deuisões da valla confirmado e outorgado per o santõ padre que nos diremos mais do tam nobre asentamento dAlmeirim senã que foy asy como por camãra da coroa do rreyno fundada. Ora nos diremos dos outros foros que ellrey ha em almeirim da rrenda das terras da vala. como se logo segue:»

(Livro de D. Afonso V, que trata dos foros e mais propriedades pertencentes à corõa e que existem em Santarêm e seu termo<sup>1</sup>).

#### 4. Alfama

Ninguẽm ignora a importância que lá fora, nos países mais civilizados e progressivos da Europa, se está votando à construção de bairros populares, com todos os requisitos de conforto e hygiene, e em condições de aluguer muito vantajosas para as classes trabalhadoras.

Por outro lado, todos sabem que em Lisboa bairros há que o camartelo e a picareta deviam ter já destruído, para darem lugar a edificações simples, mas arejadas e limpas.

Alfama, por exemplo, a despeito de todo o pitoresco *histórico* que se lhe atribui, é um desses bairros infectos, sem ar e sem luz, de ruelas estreitas e imundas, orladas de casebres miseráveis, onde se apinha gente sem o menor escrúpulo ou leve sombra de preocupação sanitária.

(*O Século*, de 28 de Maio de 1912).

*Nota.*—O movimento em favor da demolição de Alfama avoluma-se cada vez mais, invocando-se em seu favor a hygiene, como se as chamadas *vilas* (no Pôrto *ilhas*) de Lisboa apresentassem maior asseio do que os antigos bairros da cidade, ou do que as mansardas ou trapeiras de edificios modernos. Invoquem-se como argumentos de demolição o novo gôsto, a necessidade de empregar operários e architectos, e as urgências das comunicações rápidas, mas não se diga que é a hygiene que tal pede. Apliquem-se neste bairro as disposições em uso noutros locais e já o aspecto atribuído não incomodará os inovadores.

<sup>1</sup> Na fôlha do rosto em papel está escrita a seguinte nota:

Este livro foi recolhido ao R. Archivo por Portaria do Conselho da R. Fazenda de 20 de Julho de 1820.—*Franklin*.

## 5. Os Túmulos de Alcobaça

Chama-se para o assunto a atenção do Sr. ministro do fomento

Os túmulos de Pedro I e Inês de Castro, essas formosíssimas jóias da arte nacional, em breve estarão completamente perdidas, se não se lhes acudir imediatamente.

No panteon de Alcobaça, a linda *Sala dos túmulos*, está inundada desde Outubro, numa altura de seis centímetros. Devido à humidade resultante, está o túmulo de D. Pedro coberto de líquens verdes, já de certa espessura, que ameaçam cobri-lo completamente. O de D. Inês, até aqui quasi limpo, começa agora a cobrir-se dessa destruidora vegetação.

Claramente se deduz o gravíssimo inconveniente que resulta de tudo isto:—essa vegetação, localizando-se e filtrando-se em certa espessura, vai inutilizando, destruindo as partes mais delicadas da escultura, vai embotando desenhos, vai arredondando arestas, vai destruindo delicadezas e ingenuidades artisticas que dão aos túmulos todo o seu valor.

Torna-se urgente cuidar da sua conservação, mas não com simples projectos que nada mais fazem do que pôr entraves à realização de qualquer idea.

Creemos que uma simples, mas bem dirigida drenagem, operada no interior e exterior da *Sala dos túmulos* dará seguro resultado, e é um trabalho certamente económico. Hoje torna-se isto mais fácil, visto que alguém obteve, para este fim, da Sr.<sup>a</sup> D. Maria Marques Eliseu e Oliveira um pequeno trecho de terreno anexo donde se julga provir o maior mal.

As despesas indispensáveis estão orçadas em 200\$000 réis.

Os túmulos de Alcobaça merecem bem este pequeno sacrificio. O seu valor artistico, ainda há pouco demonstrado em especial publicação, é de extrema singularidade em pleno séc. XIV. Mas não só o valor artistico:—é também o facto histórico que representam e a que anda ligada a mais linda história de amor, que num crescente interesse tem levado aos confins do mundo a mais estranha celebridade.

O estado em que se encontram os túmulos de Alcobaça é um crime de lesa-arte, além de ser uma vergonha nacional. Dia a dia ouvimos de nacionais e estrangeiros as mais amargas e violentas apreciações.

Chamamos a atenção do Sr. Ministro do Fomento para este facto, que decerto desconhece, e instantemente pedimos para que dispense

aos túmulos de Alcobaça todo o interêsse e boa vontade que lhes merecem.

A mais pequena demora representa estragos irremediáveis

(*O Século*, de 28 de Maio de 1912).

#### 6. A Sé da Guarda em 1385

«Sabede que o bispo dom frey Vaasco que ora he da dicta cidade da Guarda nos dise que ao tempo que a see da dicta cidade foe derribada per mandado delrrey dom fernando nosso irmãoo a que Deus perdoe E que o dicto senhor Rey por fazer mercee ao bispo e cabijdo da dicta cidade e ao concelho e homeens bõos dessa meesma pera se meelhor e mais cedo fazer a dita see que lhe dera ao dicto bispo as aldeas daçores e do boraçal e aldea do forno telheyro por suas... Dante em a nossa cidade de coimbra xv dias dabril... era de mil iiij<sup>c</sup>xxiiij anos».

(Torre do Tombo—*Chancellaria de D. João I, Doações*, liv. 1, fl. 124 v).

#### 7. O apelido Palhavã

«Carta perque o dito senhor fez doaçam pera todo sempre a Joham Lourenço da Cunha caualleyro de todollos bões mouees e de raiz que afonso martinz scripuam que foe delrrey dom fernando jenro de palhauãa ha em estes regnos o qual os perdeo por seer com elrrey de castella em deseruiço dos ditos regnos e senhor, etc. em Lixboa xx dias de Junho de mil iiij<sup>c</sup>xxij anos».

(Torre do Tombo—*Chancellaria de D. João I, Doações*, liv. 1, fl. 17 v).

#### 8. A Estrada de Coimbra em 1384

Carta perque o dito senhor quitou a Pero Dominguez morador na cidade do Porto doze libras de foro que elle hade dar em cada hũm ano ao dito senhor de hũm lugar que traz aforado que he em gaya e sta na strada coimbrãa etc. em lixboa xbij dias de setembro de mil iiij<sup>c</sup>xxij anos».

(Torre do Tombo—*Chancellaria de D. João I, Doações*, liv. 1, fl. 59 v).

#### 9. Descobrimto arqueológico

Uns cavadores encontram, a pequena profundidade,  
seis sepulturas com ossadas

Chança, 2.—C.—Na herdade da Ferraria, próximo desta vila e junto a uma fonte denominada de Santa Luzia, uns trabalhadores que andavam cavando mato viram uns bicos de pedra à superfície do terreno, e por curiosidade cavaram, descobrindo seis sepulturas, di-

vididas com lages empinadas e dentro delas as ossadas dos cadáveres. A seguir appareceram vestígios de haver mais sepulturas, vendo-se sôbre elas uma árvore, já velha, que se supõe ter nascido posteriormente aos enterramentos.

Leva-nos a crer que seria ali cemitério noutros tempos. Segundo se diz, no alto, a uns 300 metros, existiu uma povoação chamada Vila Formosa, de que ainda hoje se vêem vestígios de alicerces de casas. A outros 300 metros, para o lado do nascente, há uma ribeira chamada de *Sêda* e sôbre ela existe uma ponte com o nome de Ponte de Vila Formosa: foi esta ponte construída no tempo dos romanos, passando por ela a estrada de Lisboa a Mérida. Depois dalguns tempos foi aquella vila mudada para aqui e tem hoje o nome de Chança. Dizem os antigos que próximo do local onde se encontraram as sepulturas existiu uma capela denominada de Santa Luzia e por isso a fonte tem o mesmo nome.

(*O Século*, de 4 de Fevereiro de 1912).

#### 10. Ex-voto de Arelho

«Letreiro dum painel que representa um navio sôbre o mar e uma Virgem no alto, em aparição. Existe na igreja do Arelho, perto de Óbidos:»

*Milagre q. fes N. Sr.<sup>a</sup> do Rozario do lugar do Arelho a Joaquim José Pedro Vindo no seu Navio N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Rozario Paquete Felis com 540 Escravos Vindo de Angolla para o Para deo 3 vezes. em um Baxo na Costa do Siara no dia 19 de abril de 1802.*

«Este indivíduo ainda tem parentes no Arelho; deu um lustre de vidro (que ainda existe) para a igreja à qual acrescentou uma capela-mor. Morreu rico em Lisboa, mas parece que os herdeiros legítimos nada receberam».

*Nota.*—Esta informação devo-a ao Sr. Dr. Alves Pereira. No *Desembargo do Paço, Côte, Estremadura* (Tôrre do Tombo) guardam-se vários processos movidos por Joaquim José Pedro. O último é datado de 1826.

#### 11. Um tesouro enterrado

Encontra-o um trabalhador, que é obrigado a reparti-lo por outro e pelo proprietário do terreno

Manteigas, 28.—Quási à Fonte do Picão, desta vila, numa propriedade do Sr. Luís Ribeiro de Portugal, e que está arrendada a João Passarelo, andava hoje de manhã o trabalhador José da Fon-

seca empenhado em partir uma grande pedra, para o que lhe tinha feito uns furos.

Para que a pedra se partisse melhor, escavou em roda a terra com uma enxada, e, quando o fazia, sentiu que esta dera em corpo estranho, que se quebrara.

Abaixando-se, verificou então que havia quebrado uma panela de barro vidrado, dentro da qual estavam moedas de prata. Sem dar conhecimento do achado a um companheiro que andava próximo, começou a metê-las no bôlso, com cuidado, mas não com tanto que o outro não desse pelo facto e se aproximasse, a exigir o seu quinhão, havendo rixa.

Passava ali casualmente o cívico n.º 26, que inquiriu do caso e se fez dêle sabedor, participando-o na administração do concelho.

Os dois trabalhadores arrecadaram o tesouro e deram-se pressa em recolher a penates, onde os foram intimar a comparecer na administração com o seu achado.

Viu-se então que o tesouro se compunha de 480 moedas de 60, 120 e 480 réis dos reinados de D. Manuel I, D. Sebastião e Filipe I, II e III e algumas de D. João IV. Estas moedas foram divididas, ficando o proprietário do terreno com 2:282 gramas de prata e com 469 gramas os trabalhadores, que as tem vendido aos coleccionadores.

(*O Século*, de 30 de Maio de 1912.)

PEDRO A. DE AZEVEDO.

## Catálogo dos manuscritos do Museu Etnológico

(Continuação d-*O Arch. Port.*, XVII, 196)

### Pergaminhos

#### XVIII

##### 2.º Documento

Óbidos.

26 de Março de 1341 (1303).

Testemunho passado pelo tabelião Lourenço Pires a rogo de João Gago, clérigo de S. Pedro de Óbidos, de como Domingas Pires entregou as chaves das casas que foram de Pero Domingos, clérigo, ao referido João Gago e este por sua vez entregou as chaves das casas que foram de Urraca Domingues à dita Domingas, com obrigação de por sua morte ficarem as duas moradas a S. Pedro de Óbi-